

Afinal, o que querem as mulheres?
O discurso sobre o feminino no blog do personagem André Newmann

After all, what do women want?
The discourse about the feminine on André Newmann's blog

Issaaf KARHAWI¹

Resumo

A partir da análise dos *posts* e comentários do blog do personagem André Newmann, da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* (TV Globo, 2010), identificamos alguns discursos acerca do feminino na contemporaneidade. Nesse espaço de interação - o blog de personagem de uma ficção televisiva - deu-se voz às internautas que a medida que enunciavam sobre a minissérie e a pergunta freudiana que lhe dá título, também se construía discursivamente. Ao final do trabalho, apontamos um discurso ideológico que liga o feminino ao misterioso, à incompreensão e outro que relaciona o querer feminino às discussões de gênero ligadas ao feminismo.

Palavras-chave: Transmídiação. Blog de personagem. Feminismo. Minissérie.

Abstract

Based on the analysis of posts and comments from Andre Newmann's weblog, the main character of the miniseries "Afinal, o que querem as mulheres?" (TV Globo, 2010), we identify some discourses about the feminine in the contemporary age. The character weblog was an interactive space where women could enunciate not only about the miniseries and Freud's question (after all, what do women want?) but could also discursively construct themselves. At the end of this paper, we show an ideological discourse that intertwines the feminine and the mystery, and another one that relates the female desires with feminist causes.

Keywords: Transmedia. Character weblog. Feminism. Miniseries.

Introdução

Em nossa dissertação, dedicamo-nos a pesquisar o blog do personagem André Newmann da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* como um exemplo das

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Bolsista do CNPq. E-mail: issaaf@gmail.com

empreitadas transmidiáticas da TV Globo. A pesquisa nos revelou como o sujeito contemporâneo se relaciona com as narrativas televisivas em diferentes plataformas e como, nesse espaço de interação, se define como sujeito midiático.

A minissérie estudada foi exibida em seis capítulos semanais em 2010. A ideia original da trama é do diretor Luiz Fernando Carvalho com roteiro de João Paulo Cuenca em coautoria com Michel Melamed e Cecília Giannetti e aborda questões como a busca angustiante pelo amor, o conflito nas relações afetivas familiares e as perdas. *Afinal, o que querem as mulheres?* narra a história do jovem psicanalista André Newmann (Michel Melamed) que está em fase de término de sua tese em psicologia na qual tenta responder à pergunta deixada por Freud: afinal, o que querem as mulheres?

Apesar do tema do doutorado de Newmann, a minissérie, no entanto, não assume a missão de responder à pergunta freudiana, mas a de contar a história do amadurecimento de André como homem e sua lida conflituosa com o universo feminino e as relações humanas cotidianas. O blog do personagem ocupa um espaço essencial na construção da narrativa transmidiática da trama uma vez que oferece ao telespectador (e internauta) relatos do próprio personagem sobre seus dilemas diários.

Assim, nos *posts* do personagem, a audiência interage com esse ser virtual e compartilha também seus anseios e angústias. No entanto, o que mais sobressai nos comentários deixados pelos telespectadores, leitores do blog de André, são relatos sobre o querer feminino. Incitados pelo nome da minissérie e pelo tema da pesquisa de André, o telespectador-internauta, ao acessar o blog do personagem, tem apenas uma vontade em seus dedos e cliques; a de ajudar a solucionar o anseio da trama; tentar responder à pergunta freudiana - afinal, o que querem as mulheres?

E nessa tentativa de auxílio, nessa inserção na narrativa da minissérie, a internauta – especialmente – se define como mulher e sujeito midiático contemporâneo ao expor seus anseios e desejos, ao se enunciar como um ser de querereres. É esse recorte de nossa dissertação que apresentamos no presente artigo. A partir da análise do discurso, dos estudos de linguagem Bakhtinianos e de uma digressão teórica sobre o feminino ao longo dos anos, desvelamos o discurso ideológico da internauta-telespectadora no blog de André Newmann. Partindo daquilo que a internauta enuncia nesse espaço do blog, dois discursos emergem; um discurso que liga o querer feminino ao mistério e à incompreensão e outro que define o querer pelo viés do feminismo e das

discussões de gênero. Trata-se, portanto, de um ensaio acerca do discurso ideológico que define nossa época, define a mulher contemporânea enquanto sujeito midiático, sujeito de desejos e sujeito discursivo.

Blog de personagem: breve apontamento

Há evidências claras de que vivemos um período de convergência midiática definida pelo trabalho cada vez mais colaborativo entre diversos mercados midiáticos (JENKINS, 2009). Cada vez mais são exploradas as possibilidades de um produto ser oferecido por diferentes suportes; do gibi para o vídeo game; do livro para o cinema; do romance para a telenovela. Mas há ainda as narrativas contadas, simultânea e originalmente, em diferentes suportes de mídia com a intenção de expandir a experiência narrativa do leitor, jogador ou telespectador. Trata-se, aqui, daquilo que Jenkins (2009, p. 138) nomeou como narrativa transmidiática: “uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor”.

Segundo dados do Observatório ibero-americano da ficção televisiva, “a TV Globo foi a principal emissora a criar produtos ficcionais envolvendo a transmidiação” (LOPES et al., 2010, p. 169). Ao lado dos sites oficiais das tramas, outros recursos transmidiáticos, como o uso dos blogs, colocaram-se como necessidade e prioridade na produção televisiva nacional uma vez que os públicos hoje “[...] são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 47). Ao oferecer ao telespectador um espaço na internet no qual há interação direta com seu personagem ficcional favorito, a TV Globo estimula a criação de um espaço simbólico de troca não apenas na televisão, mas fora dela, ou seja, onde o telespectador está.

É no ano de 2006 que os blogs de personagem começam a fazer parte da estratégia transmidiática da TV Globo (MÉDOLA; REDONDO, 2009). As protagonistas da série *Sob nova direção*, Piti e Belinha, foram as personagens precursoras desse novo estilo de construção narrativa da emissora. Em 2009, a Globo abre o espaço de comentários para os internautas e alcança números significativos de

interação com o blog *Sonhos de Luciana* da telenovela *Viver a Vida*. Em seu diário virtual, Luciana, a protagonista da trama – tetraplégica após um grave acidente de carro – conta como é sua rotina de recuperação e superação (KARHAWI, 2013).

Os blogs de personagem em nada se diferenciam de um blog pessoal comum, ou seja, blogs que cumprem o papel de ser uma versão digital dos antigos diários. O *layout* simples agrega textos em tom pessoal narrando a vida do blogueiro. Os blogs de personagem cumprem exatamente a mesma função, a despeito do fato de serem blogs de seres fictícios de programas televisivos e, portanto, a autoria do blog não ser “pessoal”. Os projetos transmídia da TV Globo, por exemplo, são coordenados pela equipe de Desenvolvimento de Formatos da Central Globo de Produção². Portanto, não é o autor ou o ator da telenovela ou da minissérie que escreve os *posts* e atualiza o blog do personagem. Em nosso caso, no entanto, a particularidade do blog de André Newmann deu-se pelo fato de o próprio ator Michel Melamed – que interpreta o psicanalista André na trama - escrever o blog de seu personagem.

Mesmo assim, independentemente da equipe responsável pelas publicações, para que um blog de personagem cumpra sua função e tenha sucesso é imprescindível a construção de uma narrativa calcada na noção aristotélica de verossimilhança. Isso significa que deve existir uma coerência interna do texto que legitime aquele discurso como do próprio personagem, nos dando a sensação de realidade.

Só é possível acreditar em um personagem, aceitá-lo como real, como parte da existência humana, ao acolher um pacto de ficção (Eco, 1994). Mas para que esse acordo seja instaurado, o personagem deve existir solidamente, ou seja, ser construído com coerência. Apesar de o personagem André já ser conhecido pela audiência em suas atribuições mais visíveis como fisionomia, tom de voz, gestualidade e em outras mais psicológicas como maneira de lidar com conflitos ou sustentar relacionamentos, o personagem precisa estar solidamente arquitetado também em seu diário virtual, em seu papel de blogueiro, para que a conversa entre personagem-audiência possa acontecer e persistir.

² Dados obtidos em palestra de Alex Medeiros, gerente de desenvolvimento de formatos da Central Globo de Produção no III Encontro OBITEL nacional dos pesquisadores de ficção televisiva no Brasil (21 e 22/11/2011).

Discurso ideológico: afinal, e as mulheres?

Uma vez definido e apresentado esse espaço virtual no qual personagem e telespectador-internauta³ se encontram – o blog de personagem – podemos avançar para a análise dos *posts* e comentários do blog de André Newmann.

Como posto, a minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* não assumiu a missão de tentar responder, em seis capítulos, o que as mulheres desejam. A questão serviu de ponto de partida para que o personagem André pudesse perceber que, não só as mulheres, mas o ser humano vive em uma eterna crise existencial em uma tentativa diária de desvendar suas vontades. Porém, não há como negar que a questão de Freud despertou nos telespectadores o interesse inicial pela trama. Observamos, na leitura dos comentários, que a primeira entrada no blog é para responder à pergunta da minissérie. Mesmo quando as postagens não se referiam diretamente à questão freudiana, grande parcela dos telespectadores-internautas opinava sobre o assunto nos comentários. É inevitável a curiosidade frente ao tema e talvez por isso o blog de André tenha sido constantemente visitado. De internautas listando os objetos materiais que desejavam a outros divagando sobre a impossibilidade de se chegar a uma resposta sobre o querer feminino, todos se uniram para tentar ajudar André em sua saga acadêmica e existencial. O que acaba por se revelar nesses textos é o fator ideológico do discurso.

Para Orlandi, “a ideologia tem [...] uma materialidade e o discurso é o lugar em que se pode ter acesso a essa materialidade” (ORLANDI, 1990: 16). Nas construções dos internautas sobre a mulher como um ser indecifrável ou, contrariamente, muito simples de ser compreendido, questões ideológicas maiores se apresentam. Mesmo no comentário mais trivial “Mulheres querem sapatos”, o ideológico se desvela: estamos lidando com signos e signos são, por natureza, ideológicos. Nas palavras de Bakhtin,

³ O emprego do termo telespectadores-internautas, utilizado em nossa dissertação, não tem pretensão teórica e, por isso, não é discutido com mais detalhamento ao longo do trabalho. Na falta de um termo que nomeie esse novo tipo de espectador televisivo – que acompanha sua ficção favorita em diferentes plataformas - acreditamos que a união de dois termos que o definem a priori fosse suficiente para, por ora, chamar esse sujeito. Com a noção de telespectador-internauta as características de cada agente são preservadas: a fidelização dos telespectadores à assistência televisiva; o caráter ativo, fluido e dinâmico dos internautas.

“tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010: 31, grifos do autor).

A questão freudiana é ideológica por excelência: reflete discussões acadêmicas da época e dúvidas do pai da psicanálise. Entre os anos de 1893 e 1937, o médico se dedicou aos estudos da mente feminina. Quando Freud se questiona sobre o querer das mulheres, escreve em carta a uma de suas discípulas: “a grande pergunta que não foi nunca respondida e que eu não fui capaz ainda de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina é – O que quer uma mulher?” (FREUD apud NUNES, 2011: 102). À época, mente feminina passou a ser o *continente negro* da psicanálise.

Portanto, quando a minissérie retoma a questão de Freud, por trás desse enunciado está a concepção de que a mulher em pleno século XXI, mesmo após a morte do psicanalista, ainda não foi capaz de dizer ao mundo o que quer, ou, mais simplesmente, de se fazer entender. A minissérie remete a uma questão que ainda intriga e que poderia ser (como o é) tese de doutorado de estudantes de psicologia, como André Newmann.

Mas até o século XXI, há um caminho de longas discussões acerca da questão freudiana e, de maneira mais ampla, do feminino. Apenas para que nossa análise seja mais sólida e sem a intenção de esgotar o tema, faremos uma breve digressão teórica sobre as construções discursivas acerca do feminino ao longo dos séculos.

Até o século XVII, a mulher não está ligada à função de maternidade. Na Idade Média e no Renascimento, muito por conta do Cristianismo, a mulher era vista como um ser primitivo, carnal e ameaçador. É estabelecida uma “(...) relação entre o feminino, o sexo e o mal. (...) A mulher aparece como uma figura perigosa e diabólica, mais inclinada à luxúria e aos excessos sexuais, portadora do mal e da morte” (NUNES, 2011, p. 104). É a partir desse paradigma que a imagem da mulher sedutora e que usa de suas “armas de sedução” para conseguir o que almeja, começa a ser definida.

Avançando para os séculos XVIII e XIX, as sociedades europeias testemunham uma revolução na imagem do feminino. À época, as famílias burguesas enfrentavam altas taxas de mortalidade infantil e dilemas na formação física e moral das crianças. Nesse cenário, a ciência começa a delinear a relação mãe e filho como fundamental no

desenvolvimento saudável da prole. Para que as mulheres pudessem se dedicar integralmente à esfera familiar, o discurso médico dissemina a ideia de que a mulher e o homem são morfológica e biologicamente diferentes (até então ambos eram vistos como seres homólogos). “A consequência lógica desse percurso foi a consolidação da ideia de uma diferença de essências, naturalmente determinada, que passou a justificar inserções sociais diferentes para homens e mulheres” (NUNES, 2011, p. 105).

A mulher passa a ser educada para a função materna, o casamento e a vida doméstica. Seu corpo e sua sexualidade são “adestrados” tendo em vista a procriação e o casamento. Assim, “qualquer desejo ou comportamento sexual que extravasasse esses limites era tratado como um “excesso”, como produto de uma degeneração psíquica, como uma patologia” (NUNES, 2011: 106). Para evitar “tentações”, a mulher deixa de frequentar espaços públicos e lhe é negado o estatuto de cidadã.

Nesse processo secular a mulher sai, portanto, do lugar do ser dotado de maldade e sexualidade incontrolável e passa a ocupar a posição de mãe: responsável pelo desenvolvimento de futuros adultos, ser humano intrinsecamente maternal, passivo, acolhedor e cuidador.

Quando Freud começa a estudar o feminino e entrar em contato com suas primeiras pacientes histéricas, o pai da psicanálise comungava com o ideário da época e aceitava o querer feminino como único e natural: a maternidade e o confinamento ao espaço familiar (NUNES, 2011). Não havia brechas para desejos, anseios, querereres ou fantasias. É assim que “a histeria feminina foi uma forma ativa e, sobretudo, barulhenta através da qual as mulheres reagiram às exigências que lhes foram colocadas” (NUNES, 2011, p. 109). Em seus estudos, Freud traça causas determinantes para a histeria: insatisfação extrema com o papel e o lugar social que as mulheres da época ocupavam e repressão de desejos sexuais. Em 1932, Freud

ao se perguntar sobre o querer feminino, colocou em relevo a capacidade desejante das mulheres (...). Tal capacidade era a condição de possibilidade para a invenção de novas formas de subjetivação para além do restrito ideal materno. Assim, ao interrogar-se sobre o desejo feminino, Freud descortinou, ao final de seu percurso, novos horizontes para a questão feminina e a feminilidade. (NUNES, 2011, p. 110).

Novamente, a imagem da mulher começa a sofrer uma considerável revolução. Mas a mudança mais substancial no que diz respeito aos direitos femininos acontece nas

últimas décadas do século XIX, quando as mulheres passam a reclamar seu papel de cidadã e exigir o direito ao voto na Inglaterra: o mundo começa a viver a primeira onda do feminismo. Após a conquista do voto em alguns países, no entanto, o movimento perde força e volta a prosperar apenas em 1960. (PINTO, 2010).

Nos Estados Unidos e na Europa os anos 1960 foram propícios para o alvorecer do movimento feminista moderno. Era a década de movimentos libertários preocupados com causas identitárias (PINTO, 2010). Foi em 1960 que o mundo testemunhou o nascimento do movimento hippie e da ideologia “paz e amor”, o movimento político e estudantil conhecido como “Maio de 68”, o surgimento dos Beatles e a comercialização da pílula anticoncepcional. Havia, ao que tudo indicava, um sopro revolucionário acompanhando os anos 1960 e, assim,

em meio a esta efervescência, Betty Friedan lança em 1963 o livro que seria uma espécie de “bíblia” do novo feminismo: *A mística feminina*. Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (PINTO, 2010, p. 16).

Nas décadas seguintes, o feminismo alcançou conquistas importantes para a mulher. Mas o início dos anos 1990 marcaram debates dicotômicos em relação ao movimento. A mídia e os autores da época questionavam o quanto o movimento representava a “mulher comum” e a “dona de casa”. Havia uma dicotomia instaurada nas concepções de feminino e feminismo; a primeira não era bem vista pelo movimento feminista mais radical, associando a característica a noções de fragilidade, submissão ou de mulher-objeto (CALÇADA, 2013). McRobbie (2010) afirma que no final da década de 1990 o feminismo passa a viver um momento de impopularidade. Os estudiosos das questões de gênero denominam o momento de “pós-feminismo”. A ideia é que “[...] o pós-feminismo utiliza o feminismo e o invoca enquanto algo que pode ser tomado em conta para sugerir que a igualdade foi já alcançada, o que permite instalar todo um repertório de novos conceitos que o apresentam como desnecessário, esgotado” (McROBBIE, 2010, p. 28). Os tempos são outros: “somos testemunhas de um

feminismo que é invocado só para ser sumariamente rejeitado” (McROBBIE, 2010, p. 34).

Nesse processo de reinvenção das ideologias femininas (e feministas), começa a surgir a “mulher contemporânea”. “Essa nova figura de mulher não é um produto direto desses movimentos, mas sim uma ideia de transformação do estrito quadro feminista original” (CALÇADA, 2013, p. 43). A “mulher contemporânea”, metaforicamente associada à imagem de malabarista, é aquela que enfrenta, naturalmente, a dupla jornada de trabalho conciliando carreira, filhos, marido e afazeres domésticos. Anos após as conquistas do movimento feminista, a mulher contemporânea questiona diariamente seu papel na sociedade:

as mulheres parecem estar sempre se medindo a partir do tal ideal contemporâneo que ou resistem em assumir, ou não se sentem capazes de realizar. Um bom exemplo, talvez o mais comum, é o da mulher sempre culpada por não corresponder às expectativas familiares e sociais enquanto mãe e esposa, seja pela dificuldade em dar conta da dupla jornada, seja por não achar muita graça em passar a maior parte de seu tempo cuidando de uma criança. Outro exemplo, cada vez mais comum, é a mulher que, casada ou não, opta por não ter filhos para dedicar-se exclusivamente a um projeto profissional. Esta também paga sua parcela de culpa, sentindo-se eternamente em dívida com a família, carregando os estereótipos de egoísta, materialista e carreirista. (NUNES, 2011, p. 113)

O ideal contemporâneo, apesar de almejado, ainda está atrelado ao feminino como sinônimo de maternidade e feminilidade. E é nesse momento que a minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* se insere. O questionamento freudiano original já foi, em partes, respondido com os estudos acerca da histeria e de transtornos psíquicos estritamente femininos. À época, essas respostas davam conta das dúvidas instauradas pelo momento histórico, social e cultural. No entanto, essa mesma questão retomada em pleno século XXI anseia por novas respostas.

São essas respostas que os comentários no blog de André nos permitem alcançar. Muitos deles estão baseados na experiência de vida dos internautas e não no conhecimento histórico ou científico do assunto. Mesmo assim, eles opinam sobre o querer feminino. Pela perspectiva da Análise do Discurso, falar sem esse dito conhecimento “oficial” não significa desconhecer o tópico sobre o qual se fala, mas estar alheio aos esquecimentos camuflados pelo discurso. Orlandi entende que

o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá: é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando, onde e porquê, que o sentido de colonização produz seus efeitos (ORLANDI, 2012, p. 49).

Não se trata apenas de esquecimento do “discurso fundador”, mas de incapacidade de reconhecer a proveniência de todos os discursos, uma vez que “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós” (ORLANDI, 2012, p. 35). Como diria Bakhtin, nós não somos o primeiro discurso no silêncio do mundo. Afinal, não há silêncio, mesmo no silêncio, há discurso.

Ao longo das postagens do personagem, como visto, havia diálogo direto com aquilo escrito nos textos de André. Mesmo assim, muitos comentários – independentemente do *post* em que eram escritos – preocupavam-se somente em responder ao problema da tese do personagem. Há várias “categorias” do querer feminino apontadas pelos telespectadores-internautas: desde desejos ligados ao consumo de bens materiais até questões ideológicas mais complexas. O breve percurso do feminismo que apresentamos aqui serve de base para compreender porque alguns comentários se referem a mulheres e quereres tão particulares.

O blog de André Newmann somou 1.236 comentários (para 51 postagens do personagem). Os comentários selecionados para compor nossa análise no presente artigo não sofreram nenhum tipo de correção ou adequação linguística e/ou gramatical, conservando-se sua publicação original feita pelo próprio internauta⁴.

Uma primeira categoria possível de análise dos comentários – caso fosse aceitável categorizar discursos segundo a Análise do Discurso – seria a de **querer feminino ligado ao mistério**. Os exemplos a seguir nos ajudam a pensar:

⁴ Comentários coletados em 27 e 28/02/2011 (o blog de André Newmann não está mais disponível na rede).

Comentário 47 (Post 1): Encontrar uma resposta para tal pergunta é uma tarefa difícil. Pois nem mesmo as mulheres tem essa resposta. Há uma fala de MEDÉIA, em Eurípedes, que fala um pouco sobre quem são as mulheres “a nós, outras, mulheres, a natureza fez impotentes para o bem, porém mais hábeis do que ninguém para manipular o mal”. Em outras palavras: quando queremos ser boas, somos boas; mas quando queremos ser mal, somos melhores ainda. Entender o que é ser mulher é requisito básico para chegar a responder o que ela quer.

Esse primeiro comentário merece uma leitura mais pontual. A internauta cita uma fala de Medéia, da mitologia grega, para qualificar a mulher como um ser *hábil para manipular o mal*. Como apresentado por Nunes, até o Renascimento, a mulher era entendida como “[...] mais carnal, dotada de sentimentos maléficos e de um desregramento sexual ameaçador” (NUNES, 2011, p. 104). Há na fala da internauta uma ligação direta a esse discurso ideológico, da mulher como um ser que, ao fazer uso de sua sexualidade – diretamente ligada ao mal – consegue o que quer. A internauta ainda completa: “quando queremos ser boas, somos boas; mas quando queremos ser mal [sic], somos melhores ainda”. Há nesse comentário a exaltação de ambivalências às quais a mulher costuma ser relacionada. Não se trata apenas do bem e do mal, mas de noções ainda mais amplas como a feminilidade e o feminismo, o poder e a submissão, a mãe e a trabalhadora. O bem e o mal, à vista disso, não se resumem a um discurso ideológico da Idade Média.

Os próximos comentários também se inserem na categoria que ensaiamos chamar de **querer feminino ligado ao mistério**.

Comentário 36 (Post 1): Bom Dia André. Muito interessante sua tese, desejo sucesso no tema que aborta, porem cuidado para não se enpolgar demais e se perder; Somos uma caixinha de surpresa, e muito misterio. Espero que você nos entenda, e que realmente tenha a sensibilidade de descobrir o que realmente “Querem as mulheres”. Abraços e sucessos

Comentário 28 (Post 3): André, difícil tarefa essa que você escolheu... Nós, mulheres, queremos saber exatamente o que queremos!!! Somos múltiplas, complexas, confusas... Queremos tudo, não queremos nada. Talvez a beleza que se encontra na essência de ser mulher esteja exatamente no mistério daquilo que queremos; algo desconhecido até mesmo por nós, mulheres!

Comentário 18 (Post 3): Olá Andre! Não me apresentarei como vc, serei mais breve... Sou uma admiradora sua agora que te conheço, afinal se vc conseguir concluir essa “Tese” com argumentos plausíveis, será o primeiro homem a saber qual o grande misterio escondido ate de nos mesmas...rsrs

Comentário 10 (Post 3): As mulheres querem apenas TUDO! Querem o inalcançável, o impossível.

Comentário 35 (Post 1): Olha realmente encontrei um homem de muita coragem, pois falar de mulheres não é facil não... Eu como mulher me entendo,e sei do que sou capaz, pois mulher tem um poder na suas mãos que não tem nem ideia. Mulher é capaz de conseguir o que quer só basta usar seu lado feminino e sedutor. Sei que mulher quer se aventurar, quer amor, felicidade,carinho, respeito,reconhecimento,quer ser vista por todos... uma mulher quer que alguem a repare até quando faz a sombrancelha, quer ser o centro de todas as atenções por mais que seja timida... mulher quer o mundo...

Há uma recorrência importante nos últimos comentários: o uso da palavra *mistério* (nos três primeiros) e de outras relacionadas ao mundo do misticismo como *poder* e *inalcançável*. As internautas contam a André “somos uma caixinha de surpresa, e muito mistério”; “talvez a beleza que se encontra na essência de ser mulher esteja exatamente no mistério daquilo que queremos”; “será o primeiro homem a saber qual o grande mistério escondido ate de nos mesmas [sic]”. Há aqui um discurso ligado à imagem da mulher – aquela da Idade Média e do Renascimento – conectada a um mundo quase que não-terreno, transcendental, inaceitável para os padrões da Igreja da época. Nessa mesma corrente ideológica está o enunciado “[as mulheres] querem o

inalcançável, o impossível”, ou seja, mesmo quando a mulher é convidada a listar todos os seus desejos e vontades, ainda assim, sua resposta é a impossibilidade de fazê-lo. Há aí um discurso ideológico calcado no místico, no transcendental, nas impossibilidades terrestres, mesmo em tudo o que há para ser oferecido. Ainda na categoria da mulher ligada ao mistério, o último comentário em que a internauta diz a André: “mulher tem um poder nas suas mãos [sic] que não tem nem ideia”, novamente, é compartilhada a noção de um ser que carrega características incompreensíveis em nosso entendimento racional de mundo.

Outra possível categoria para os comentários das telespectadoras da minissérie seria algo como **querer definido pelo feminismo**. Não apenas o feminismo radical, mas as discussões de gênero dos últimos séculos e o pós-feminismo.

Comentário 2 (Post 2): Ah..., o q as mulheres querem? + Simplicidade – egoísmo = relação simétrica. Não somos um mistério a ser desvendado tal qual um objeto de pesquisa como criam os pensadores do século xix (e vc André parece compartilhar)... pertencemos a mesma espécie, não?! E, será q os homens querem algo?...

Comentário 21 (Post 1): Eu, pelo menos, quero parar de ser tratada como um bicho de sete cabeças. Os homens são tão complicados quanto as mulheres. A diferença é que nós externalizamos o que nos aflige. Ai, somos chamadas de emotivas, histéricas, dramáticas, etc.

Aqui, não há acolhimento à pergunta deixada por André, mas subversão: por que só as mulheres carregam a etiqueta de “complicadas”? E quanto aos homens? As internautas não abraçam a ideia da mulher como “um bicho de sete cabeças”, mas exigem não apenas uma igualdade de gêneros em questões do trabalho ou dos cuidados com a casa e os filhos, mas uma igualdade quase psicológica. Homens e mulheres são colocados lado a lado como seres humanos capazes de se atormentar, vivenciar grandes dúvidas e dilemas.

Comentário 29 (Post 3): As feministas que me perdoem, mas nos dias de hoje esse papo de “somos iguais a eles” às vezes cansa. Eu sou uma mulher e por isso o que eu gostaria é de ser tratada com carinho, respeito e reconhecimento no amor, no trabalho, na família, na vida!

Comentário 53 (Post 1): André, como mulher, eu digo que o que a gente quer é o seguinte: ser bem sucedida, ser amada pela família, pelo seu homem e pelos amigos. A mulher quer um homem que saiba ser o amigo e o amante na hora certa...que saiba fazê-la rir, apoiar seus projetos, concordar com seus sonhos, que saiba falar na hora certa e ficar de bico calado quando necessário. Ela quer um homem amigo, fiel, carinhoso e muito quente. Ela quer conquistar o mundo e ser reconhecida por suas qualidades.

Comentário 5 (Post 3): [...] Difícil mesmo agradar a mulher, por que ela sempre terá a briga entre a Deusa e a Mãe. Aos poucos estamos voltando ao poder. A princípio quisemos ficar parecidas com os homens, mas já percebemos que não é por aí. Hoje temos nossos filhos, somos lindas, inteligentes, poderosas, bem humoradas... e queremos sexo, muito bom e de qualidade. Mas os homens ainda preferem as mulheres que se deixam dominar. a gente quer comida, diversão, balé... queremos um homem capaz de nos enxergar e não nos oprimir... e aí, vai encarar?

Por sua vez, os três últimos comentários enunciam a “mulher contemporânea” já apresentada em nosso parêntese histórico. As internautas se colocam ao lado de McRobbie e dizem em uníssono que, hoje, o “proposto é um movimento para além do feminismo, para uma zona mais confortável, em que as mulheres podem agora escolher por si próprias” (McROBBIE, 2010, p. 34).

Há um indício oportuno nos comentários que pode nos levar a crer que as mulheres querem voltar a uma ideia do feminino ligado à submissão, maternidade, proteção do homem provedor. No entanto, quando uma das internautas diz que “eu sou uma mulher e por isso o que eu gostaria é de ser tratada com carinho, respeito e reconhecimento no amor, no trabalho, na família, na vida!”, esse discurso só é possível, hoje, pela propagação dos discursos que apoiam a liberdade da mulher em escolher ser e desejar o que quiser: nosso tempo não impõe opções políticas ou ideológicas como no feminismo dos anos 1960. McRobbie explica que

[...] há uma relação acríica relativamente a representações sexuais de produção comercial que invocam activamente hostilidade para com posições assumidamente feministas do passado, de forma a apoiar um novo regime de significados sexuais, baseado no consentimento, na igualdade, na participação e no prazer femininos, livre de políticas (McROBBIE, 2010, p. 34).

O movimento silencioso instaurado pelo pós-feminismo permitiu que as mulheres, mesmo no dilema de ser uma “contemporânea” em sua plenitude, possam

escolher quais atribuições do feminino deseja para si. Não há sinais de desaprovação no pós-feminismo. A ideia de oposição total àquela mulher que opta por casar e ter filhos ou não trabalhar fora é “instantaneamente descartada como pertencente ao passado, a um tempo em que as feministas costumavam opor-se a este tipo de imagem” (McROBBIE, 2010, p. 33).

Por sua vez, André também é fundador de um discurso essencial no blog no que diz respeito à imagem da mulher. Quando o personagem decide escrever sua tese de doutorado a partir da questão “o que querem as mulheres?” está pressuposto no discurso que, como as mulheres ainda não se decidiram quanto à questão, André o fará. Para o personagem, há um enigma traduzido em um problema de pesquisa. Como a minissérie se concentra no amadurecimento intelectual e sentimental de André, as postagens tratam de temas como amor, morte, saudades – conversando com a narrativa televisiva. Mesmo assim, em alguns *posts*, André se posiciona discursivamente (e, por conseguinte, ideologicamente) quanto às mulheres e seus quereres.

Post 2 – Afinal, o que querem as mulheres?!? 3

Última tentativa, ok?

Olá, me chamo André. Esse é o meu blog. Um recreio na escola de abismos. Explico: minha tese começa com a famosa pergunta que Freud fez... Afinal, o que querem as mulheres?! Talvez seja mais fácil inventar o teletransporte... [...]

“A Tese”, hoje, soa para mim como o nome de uma deusa grega... “TESE”, a deusa das mulheres. “TESE”, o perfume de um enigma. [...]

Post 5 – Top 3 da semana

Estou aqui transcrevendo as centenas de entrevistas que faço pela cidade. Observanessa, perceberenice, arriscamila... Afinal, o que querem as mulheres? “Um mundo cor de rosa”, “o amor da vida”, “respeito”, “uma plástica”, “paz”, “dinheiro”, “tudo de bom”, ... São infinitas respostas, a pergunta está soterrada. É pouca pergunta pra tanta resposta. Compartilho algumas pérolas, um Top 3 dos últimos dias... [...]

Quando André escreve que frente à resolução da pergunta de Freud, seria mais fácil inventar o tele transporte e, em outro *post*, que as múltiplas respostas das mulheres têm soterrado sua pergunta, o personagem revela seu receio. Um receio que envolve aquele ar misterioso do feminino e que engloba preocupações acadêmicas. Um objeto tão múltiplo e inconstante há de atrapalhar a racionalidade e normatividade dos estudos

acadêmicos, mesmo os psicológicos. Os internautas brincam com André ao ver o personagem envolvido em suas descrenças:

Comentário 45 (Post 1): André, sua pesquisa será invalidada pelo meio acadêmico devido à instabilidade do objeto pesquisado.

É notável que o discurso da minissérie e do blog, ancorados pelo discurso do personagem, criam respostas. No blog de André, mesmo aqueles que se posicionam e respondem – como em um questionário – ao problema de André, há sempre um espaço para a dúvida, para a incerteza ou a mutabilidade constante da mulher. A conversa criou um jogo em que os participantes entendem que a pergunta de Freud não deve, e não será, respondida nesse espaço virtual ou televisivo. Sendo assim, a dúvida é bem-vinda e bem vista. E a afirmação da mulher como uma esfinge – decifra-me ou devoro-te - é sempre recorrente. Para os internautas, a resposta para a questão de André, de Freud e da minissérie é justamente a impossibilidade da resposta.

Considerações finais

Oferecer ao telespectador um espaço de interação com a ficção fora da televisão não significa apenas compactuar com as noções de convergência da contemporaneidade, mas abrir um novo leque de possibilidades de diálogo com uma narrativa antes tida como fechada e concluída. Oferecer um blog de personagem é “abrir mão” da ficção televisiva e oferecer-lhe as próprias pernas com as quais pode caminhar em novas plataformas.

Nessas plataformas, são os internautas que definem os tipos de interação e a aceitação de um produto midiático. São os internautas que deliberam sobre o sucesso ou o fracasso de uma narrativa transmidiática. Mas, uma vez participantes (e dialógicos) da trama virtual, os telespectadores-internautas também são impelidos a construir discursos; em nosso caso, discursos sobre o feminino – discurso esse, como não poderia deixar de ser, ideológico.

Aparentemente, no blog de André Newmann, o primeiro contato dos internautas com o blog se dá pela pergunta de Freud: é como se todos precisassem respondê-la. Talvez o caráter indagativo do enunciado que anuncia a minissérie - o que querem as

mulheres? - seja determinante na construção de uma vontade, por parte dos interlocutores, de solucionar a questão freudiana e o problema de pesquisa de André.

Nessa posição ativo-responsiva criada pela minissérie, antes mesmo da figura do blogueiro, os telespectadores-internautas já produzem sentidos sobre o feminino. Mesmo com todas as ondas feministas, o que os internautas deixam claro é a impossibilidade de se responder à pergunta de Freud. Aqui seria interessante pensar no gênero discursivo que rege toda a narrativa transmidiática a começar pela própria trama da minissérie. Na televisão, André vive seus dias como em um sonho, em constante devaneio. As mulheres com quem convive, incluindo sua própria mãe, são confusas e, quando em relacionamentos amorosos, volúveis. Portanto, fica a marca discursiva de uma mulher ainda dúbia e cheia de incertezas.

Nesse sentido, os telespectadores-internautas, de maneira geral, são categóricos ao dizer que André não conseguirá solucionar seu problema de pesquisa, que nem mesmo as próprias internautas mulheres conseguem responder à pergunta de Freud em seu dia a dia. O continente negro da psicanálise, como era tratada a mente feminina, parece preservar – nesse recorte discursivo de análise – sua penumbra. O que também fica evidente no discurso dos telespectadores-internautas é a descontração em relação ao tema: apesar da aparente confusão, as internautas parecem conviver bem com a “natureza feminina” e sua dita incompreensibilidade.

Referências

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CALÇADA, A. Feminilidade e trabalho são conciliáveis? *In: Psique: Ciência & Vida*, São Paulo, n. 87, p. 42-47, mar. 2013.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARHAWI, I. S. **Blog de personagem: discurso e dialogia na produção de sentidos entre internautas e personagem da minissérie “Afinal, o que querem as mulheres?”**. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/dxfG2k>. Acesso em 11/06/2014.

LOPES, M.I.V. et al. Brasil – Novos modos de fazer e de ver ficção televisiva. *In.*: LOPES, M.I.V.; GÓMEZ, G.O. (Coords.). **Convergências e transmediação da ficção televisiva**: OBITEL 2010. São Paulo: Globo, 2010.

McROBBIE, A. Pós-feminismo e cultura popular. *In.* **Comunicação&Cultura**, Lisboa, Portugal, nº 9, 2010. p.27-41.

MÉDOLA, A.S.L.D., REDONDO, L.V.A.. Interatividade e pervasividade na produção da ficção televisiva brasileira no mercado digital. *In.*: **MATRIZES**, São Paulo, 3/dez/2009.

NUNES, S. A. **Afinal, o que querem as mulheres?** Maternidade e mal-estar. *Psicologia Clínica*. [online]. 2011, vol.23, n.2, pp. 101-115.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E.. **Terra à vista! discurso do confronto**: velho e novo mundo. São Paulo, Cortez: Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *In.*: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, 2010.